



RESPONSABILIDADE ÉTICA NA INTERPRETAÇÃO DOS DADOS EM PESQUISAS PSICANALÍTICAS

ETHICAL RESPONSIBILITY IN THE INTERPRETATION OF DATA IN PSYCHOANALYTIC RESEARCH

DOI: 10.5281/zenodo.18203761



Marisa Marinho Fernandes Viana Carr¹

Celio Bispo de Souza²

Christiano Silvestre de Jesus³

Sandra Regina Cazarin⁴

Derek Alves Fernandes⁵

Rosana Apararecida Batista Angelo⁶

Evando Brito Santos⁷

Andreza Barbosa Silva Cavalcanti⁸

Resumo: A pesquisa na psicanálise é a interpretação dos dados que são próprios do sujeito singular, da transferência e da implicação do próprio pesquisador. A responsabilidade ética é aqui central, na medida em que a interpretação não é neutra, tampouco técnica. Derrapam-se o limite do método, o respeito pelo sujeito e o compromisso com a verdade do caso clínico. A ética na psicanálise orienta-se pelo cuidado com o sentido produzido e pelos efeitos do discurso científico. Portanto, a interpretação, em diálogo com os dados, requer rigor teórico, escuta ética e responsabilidade epistemológica. O objetivo geral busca analisar a responsabilidade ética envolvida na interpretação dos dados em investigações psicanalíticas,

1 Mestranda em Ciências da Saúde – Ivy Enber Christian University. E-mail: top.marisa@hotmail.com.

2 Doutorando em Ciências da Saúde – Ivy Enber Christian University. E-mail: celiobisposauza86@gmail.com.

3 Mestrando em Psicologia – Ivy Enber Christian University. E-mail: padre.christiano@gmail.com.

4 Mestranda Profissional em Educação, Tecnologias e Práticas – Ivy Enber Christian University. E-mail: mestresandracruzarin@gmail.com.

5 Doutorando em Ciências da Educação – Ivy Enber Christian University. E-mail: derek_rec@hotmail.com.

6 Mestranda em Ciências da Educação – Ivy Enber Christian University. E-mail: rosana.angelo.dio@gmail.com.

7 Mestrando em Ciências da Educação – Ivy Enber Christian University. E-mail: evandoportela@hotmail.com.

8 Professora Doutora – Ivy Enber Christian University. E-mail: tutoraandreza@enberuniversity.com.





segundo os fundamentos teóricos trazidos pela psicanálise. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica e qualitativa de viés teórico de reflexão, cuja fundamentação recai sobre a crítica de análise de referências clássicas e contemporâneas em psicanálise e da ética aplicada à pesquisa. Os resultados indicam que, na pesquisa psicanalítica, a interpretação dos dados exige uma ética derivada da implicação do pesquisador e do respeito à singularidade do sujeito. Conclui-se que a ética não é um elemento a priori ao método e externa a este, mas parte constitutiva do trabalho interpretativo. A responsabilidade ética orienta a pesquisa e investiga que, de fato, a interpretação dos dados, enquanto produção de saber, contenha a responsabilidade ética como preventivo para os reducionismos e os abusos em torno do uso dos dados. Destarte, a pesquisa psicanalítica mantém o seu compromisso, tanto clínico quanto científico.

Palavras-chave: Psicanálise; Interpretação de dados; Pesquisa científica; Responsabilidade ética.

Abstract: Research in psychoanalysis is grounded in the interpretation of data that belong to the singular subject, to transference, and to the researcher's own implication. Ethical responsibility is therefore central, insofar as interpretation is neither neutral nor merely technical. The limits of method, respect for the subject, and commitment to the truth of the clinical case are constantly at stake. Ethics in psychoanalysis is guided by care for the meaning produced and for the effects of scientific discourse. Thus, interpretation, in dialogue with the data, requires theoretical rigor, ethical listening, and epistemological responsibility. The general objective of this study is to analyze the ethical responsibility involved in the interpretation of data in psychoanalytic research, according to the theoretical foundations of psychoanalysis. This is a qualitative, theoretical-reflective bibliographic study, based on a critical analysis of classical and contemporary references in psychoanalysis and research ethics. The results indicate that, in psychoanalytic research, data interpretation demands an ethics derived from the researcher's implication and respect for the subject's singularity. It is concluded that ethics is not an a priori or external element to the method, but a constitutive part of interpretive work. Ethical responsibility guides research by ensuring that the production of knowledge through data interpretation prevents reductionism and misuse of data, thereby sustaining psychoanalytic research's clinical and scientific commitment.

Keywords: Psychoanalysis; Data interpretation; Scientific research; Ethical responsibility.

1. INTRODUÇÃO

A pesquisa realizada em psicanálise é caracterizada por descrever dados não neutros nem padronizáveis porque se derivam da singularidade do sujeito, da transferência e da implicação do pesquisador. Nesse campo, portanto, interpretar não significa simplesmente aplicar um método, mas colocarse em uma posição ética em relação ao sentido produzido a partir do material clínico. A interpretação comporta escolhas, limites, responsabilidades que





não se esgotam no domínio técnico. É primordial levar em conta esses aspectos para respeitar sujeito e a verdade do caso. Foi assim que a ética se tornou o núcleo da pesquisa psicanalítica. Ela orienta o cuidado com o efeito da interpretação.

A motivação deste estudo surge da percepção de que a leitura dos dados da pesquisa em psicanálise não pode estar desvinculada da responsabilidade ética do pesquisador. A implicação subjetiva do pesquisador, ao invés de ser um entrave, é parte do próprio método, exigindo um trabalho crítico incessante. Dado um espaço universitário pautado por exigências de validação científica, é preciso re-afirmar os eixos éticos que fundamentam a pesquisa na psicanálise. Interrogar-se sobre a maneira de interpretar os dados é interrogar-se também sobre os limites do método.

Este estudo busca contribuir para um debate que vincule ética, pesquisa e clínica. Trata-se de defender uma prática investigativa afetada pelo sujeito e pelo rigor do conceito. Questiona-se: De que maneira a responsabilidade ética orienta a leitura dos dados em pesquisas psicanalíticas, considerando a singularidade do sujeito e a implicação do pesquisador no processo?

Considerando esse cenário, esta pesquisa se mostra importante ao analisar a responsabilidade ética envolvida na interpretação dos dados em investigações psicanalíticas, segundo os fundamentos teóricos trazidos pela psicanálise. Para isso, será realizada uma revisão bibliográfica sobre as práticas metodológicas de pesquisa em psicanálise e sobre as principais discussões éticas neste campo. O presente artigo contribuirá neste sentido ao documentar as contribuições teóricas que interpelam a leitura dos dados e que poderiam apoiar uma prática consubstanciada eticamente e conceitualmente rigorosa em pesquisa.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

A pesquisa psicanalítica se baseia no reconhecimento de que conhecimento algum é produzido sem a presença implicada do investigador. Ao contrário dos modelos positivistas, o





método psicanalítico se considera que ela não pode ser vista como um viés do pesquisador a ser debelada, mas do próprio processo de investigação, sendo que essa implicação exige uma posição ética específica, fundada na responsabilidade acerca dos efeitos advindos da interpretação. Como diz Dunker, “o pesquisador em psicanálise é parte da cena que investiga” (2015, p. 42). Assim, a ética não aparece como um extra, mas como condição do método.

Dessa maneira, a implicação subjetiva demanda um trabalho permanente de elaboração crítica sobre o lugar do pesquisador. Esse trabalho não se limita à introspecção, mas exige rigor conceitual e sustentação teórica. Birman já destaca que “a ética da psicanálise se tece em tensão entre saber e não saber” (2016, p. 67), o que indica que a posição do pesquisador está atravessada pela falta. Identificar essa falta é necessário para evitar leituras totalizantes ou normativas dos dados. A ética é, portanto, a que emerge do modo como o pesquisador responde por sua própria posição.

A transferência, um conceito central de clínica, também se desdobra no campo da pesquisa e atravessa a relação com os textos, os casos e os dados produzidos, exigindo relação com os afetos e identificações que se dão na pesquisa. Para Rosa: “não há neutralidade possível quando o objeto de uma pesquisa é o sujeito do inconsciente” (2018, p. 91). A implicação de subjetivação sejamos este operatório metodológico, a condição de ser mantido sob exercício contínuo de análise e crítica.

Assim, a ética do método psicanalítico nesse ponto está diretamente ligada ao cuidado na interpretação. Interpretar não é aplicar mecanicamente categorias prévias, mas sustentar uma escuta na singularidade dos dados. Safatle diz que “a interpretação ética é aquela que suporta o conflito sem resolvê-lo prematuramente” (2017, p. 104). Essa posição impede reducionismos e preserva a complexidade do que foi o material analisado. A implicação do pesquisador, assim, é regulada pela responsabilidade pelo sentido que produz.

No ambiente universitário, onde há exigências de valoração científica, esta concepção de método acaba frequentemente em tensão com critérios hegemônicos de objetividade. Mas, ressalta Laurent, “a cientificidade da psicanálise não se mede pela exclusão do sujeito, mas pela sua implicação formalizada” (2016, p. 58). Defendendo a implicação subjetiva como eixo





ético, se reafirma a especificidade epistemológica da psicanálise: trata-se de defender um modo próprio de produção do conhecimento, sem renunciar ao rigor.

A responsabilidade ética do pesquisador estaria também na maneira como os dados são recortados, organizados e apresentados; e cada escolha metodológica tem seus efeitos discursivos e clínicos que não poderiam ser ignorados. Sobre isso, para Dunker, “o modo de contar um caso é já, de entrada, uma posição ética” (2015, p. 119). Assim, a implicação subjetiva exige uma posição de transparência conceitual e adesão aos limites do método. Não se trata de tudo dizer, mas de dizer de forma responsável.

Mais além, a ética da implicação resguarda a pesquisa em psicanálise contra usos instrumentais ou normativos do saber. Por se reconhecer implicado, o pesquisador não ocupa o lugar de suposto saber absoluto sobre o outro. Segundo Birman, “a ética da investigação em psicanálise é inseparável do reconhecimento da alteridade radical do sujeito” (2016, p. 134). Esse reconhecimento baliza a leitura dos dados e assegura uma prática investigativa comprometida com o singular.

Afirmar a implicação subjetiva como eixo ético do método psicanalítico é defender uma pesquisa atravessada pela clínica e pelo conceito. Trata-se de apresentar uma posição em que ética, método e interpretação estão juntas, como sintetiza Rosa, “pesquisar em psicanálise é aceitar ser afetado pelo objeto sem abrir mão do rigor teórico” (2018, p. 156). Dizer que a implicação subjetiva é o eixo ético do método psicanalítico é reconhecer que o pesquisador não está fora do campo que investiga. De fato, na psicanálise, o saber não se produz a partir de uma neutralidade absoluta, mas do encontro entre sujeito, clínica e teoria.

A pesquisa é atravessada pela experiência clínica que convoca o pesquisador que precisa se posicionar eticamente diante do que escuta e interpreta. O método psicanalítico não distancia rigor conceitual de vivência subjetiva, pelo contrário, exige que ambos andem lado a lado de forma responsável. A ética, nesse sentido, dá direção a modo de produzir saber, sem que o sujeito possa ser reduzido a objeto. Assim, a implicação subjetiva faz parte do próprio método. Ela sustenta pesquisa comprometida com a singularidade do sujeito.





Quando Rosa (2018) discute que a pesquisa em psicanálise é estar disposto a ser afetado pelo objeto, sem renunciar ao rigor teórico, ela alude à tensão básica do domínio. O sujeito do pesquisador se permite afetar pelo material clínico, sem abdicar das referências conceituais que estruturam a pesquisa. Ser tocado não implica ter critérios abandonados ou cair no subjetivismo puro. Trata-se de perceber que o inconsciente também opera na pesquisa. A implicação subjetiva implica um constante estar atento à própria posição do pesquisador. Esse movimento reforça, e não fragiliza, o conhecimento produzido. A teoria serve como sustentação para elaborar o que aparece da clínica. Portanto, afeto e rigor se articulam de forma indissociável.

Deste modo, a implicação do eu deixa de ser vista como um obstáculo do ponto de vista metodológico. Ela é entendida como uma condição ética para a pesquisa em psicanálise. Ao assumir sua implicação, o pesquisador deixa de lado as falsas pretensões de neutralidade, instaurando uma produção de saber mais honesta e coerente com os princípios da psicanálise. A ética distingue tanto a escuta clínica quanto a escuta da pesquisa. O método se constrói no diálogo perpétuo entre experiência e conceito. A interpretação é produto deste encontro, sustentando-se eticamente e teoricamente. Desse modo, a pesquisa psicanalítica adquire um caráter epistemológico sem renunciar à singularidade do sujeito.

2.1. RESPONSABILIDADE ÉTICA NA LEITURA E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS EM PESQUISA PSICANALÍTICA

A interpretação dos dados na pesquisa psicanalítica traz rapidamente à tona a responsabilidade ética do investigador. Se, por um lado, há maneiras de compreender os dados que os tratam como dados objetivos e verificáveis externamente, a psicanálise está em contato com um material atravessado por linguagem, inconsciente e a singularidade do sujeito. Nessa perspectiva, interpretar é sempre produzir sentido e essa produção não permanece sem consequências. Tal como assinala Dunker, a interpretação "não descreve simplesmente um





dado, ela o reinscreve em uma rede de significações” (2015, p. 88). A ética, portanto, emerge no cuidado com as consequências deste gesto interpretativo.

A responsabilidade ética aparece, antes de tudo, na medida em que se reconhece um limite da psicanálise. Interpretar dados não quer dizer esgotar o sentido do material analisado, nem ainda dizer que essa interpretação está próxima da verdade do sujeito. Birman afirma: “a ética da psicanálise se sustenta na recusa de qualquer fechamento totalizante do sentido” (2016, p. 102). Essa postura exige do pesquisador uma escuta para as ambiguidades, as lacunas nos dados. Desta maneira, a leitura ética conserva o movimento aberto da interpretação da psicanálise.

Neste sentido, a singularidade do sujeito assume um lugar central. Os dados no campo da pesquisa em psicanálise não poderão ser tratados como exemplares, nem generalizáveis, a não ser que se corra o risco de perder o que lhes é mais importante. Rosa pontua que “o dado psicanalítico é inseparável da história e da posição subjetiva daquele que fala” (2018, p. 73). A responsabilidade ética consiste então em manter a singularidade na interpretação, sem redutibilidade em direções normativas ou em adaptações forçadas a categorias anteriores. A interpretação ética é o respeito pelo caráter único do material clínico e teórico.

A transferência, mesmo que de forma deslocada da clínica, é também substancial do campo da pesquisa. Ela se apresenta na relação do pesquisador com os textos, com os casos, com os dados, imprimindo uma marca nas escolhas interpretativas. Safatle observa que “toda interpretação é atravessada por afetos que devem ser reconhecidos, para que não se tornem imperativos silenciosos” (2017, p. 112). A ética da interpretação implica, portanto, que o pesquisador interroge sua posição e as premissas que orientam sua leitura. Esse exercício crítico é parte constitutiva do rigor metodológico.

No terreno acadêmico, a pressão por resultados claros e conclusivos pode tensionar essa ética da interpretação. Contudo, como destaca Laurent, a especificidade da pesquisa psicanalítica se dá justamente na possibilidade de manter na incompletude um valor epistemológico. Para o autor, “a ética da psicanálise não procura respostas totais, mas a formalização do que resiste ao saber” (2016, p. 64). Assim, a responsabilidade ética incumbe





ao pesquisador não ceder à tentação de se apropriar dos dados em vista de modelos explicativos fechados.

A responsabilidade ética aplicada à leitura e interpretação dos dados na pesquisa psicanalítica articula-se diretamente com o compromisso clínico e científico da psicanálise. Interpretar sob a responsabilidade ética é reconhecer que o saber produzido produz efeitos que extrapolam o campo acadêmico. Dunker afirma que “do modo como se interpreta um dado, implica uma posição frente ao sofrer e ao sujeito” (2015, p. 131). Assim, a ética não só orienta a pesquisa, mas a sustenta como uma prática comprometida com a singularidade, o rigor conceitual e, o limite do próprio saber psicanalítico.

Dunker (2015) afirma que a maneira de pensar um dado é uma posição frente ao sofrimento e ao sujeito. Isto é, toda interpretação está acompanhada de consequências que vão para além do campo acadêmico. O saber produzido pode ser fonte de influências para as práticas clínicas e para as políticas públicas, além de fundar as maneiras de dar sentido ao sofrimento psíquico e sua gestão. É por isso que a pesquisa psicanalítica não pode se dissociar de sua dimensão ética. O pesquisador é impelido a reconhecer os limites daquilo que interpretar. A ética é o que impede que este saber seja arrogado como verdade. Ela exige abertura ao contraditório e ao que pode ser revisto. O rigor conceitual é o que garante esta posição contra interpretações e extrapolações arbitrárias. É assim que o ato interpretativo mantém seu compromisso clínico.

Desta forma, a ética não orienta apenas, mas sustenta a pesquisa psicanalítica, isto é, como prática responsável. A interpretação ética preserva a singularidade do sujeito, sem liquidá-la em nome de categorias fixadas, ao mesmo tempo em que é fiel aos conceitos que estruturam a teoria psicanalítica. O reconhecimento do limite do próprio saber é parte fundamental desta operação. A psicanálise admite que não se pode dizer tudo e nem se pode saber tudo. Este limite protege o sujeito e o campo clínico. É a responsabilidade ética que assegura que o saber produzido não se supere sobre a experiência do sujeito. É assim que a pesquisa mantém sua coerência com os fundamentos da psicanálise.





2.2. LIMITES DO MÉTODO CIENTÍFICO E SINGULARIDADE DO SUJEITO NA PSICANÁLISE

Ao adentrar na esfera da pesquisa científica, a psicanálise se defronta continuamente com os limites impostos pelos modelos metodológicos dominantes. O método científico tradicional - marcado pela objetividade, replicabilidade e generalização - é incapaz de capturar a singularidade do sujeito do inconsciente. Na psicanálise, o sujeito não é um objeto fixo, mas um produzido e nascido da linguagem e do desejo. Como já declarou Figueiredo, "o sujeito da psicanálise não se deixa capturar por procedimentos de padronização" (2016, p. 29). Essa desconexão impõe a necessidade de um trabalho ético e epistemológico constante.

A singularidade do sujeito, portanto, funciona como um ponto de resistência aos ideais de universalização do saber científico. Ao contrário de outros domínios, no campo da psicanálise não se busca elaborar leis gerais a respeito do comportamento humano, mas o que ao mesmo tempo não acomoda a norma e o médio. Soler assinala que "a clínica psicanalítica se orienta pelo caso a caso e não pelas regularidades estatísticas" (2018, p. 54). Esta orientação implica reconhecer que o método psicanalítico mergulha em outra lógica de validação do saber.

Diante disso, os limites do método científico não equivalem a uma debilidade da psicanálise, mas ao contrário, assinalam sua especificidade. O pedido de neutralidade do pesquisador, para dar um exemplo, entra em choque com a noção de implicação subjetiva, incumbida da prática psicanalítica. De acordo com Quinet, "não existir lugar da exterioridade absoluta quando é questão do sujeito do inconsciente" (2017, p. 88). Assim, o método da psicanálise aceita a impossibilidade da observação desimplicada, convertendo esta impossibilidade em operador ético e metodológico.

A singularidade também se revela no modo como se produzem e se interpretam os dados. Na psicanálise, o dado não é algo que preexiste à relação, mas que se produz no percurso de sua experiência discursiva e transferencial. Teixeira nota que "um dado clínico não é desvinculável do dispositivo que o produz" (2019, p. 41). Tal concepção toca os





critérios habituais de validação científica, pois exige que o rigor seja pensado além da mensuração e da repetição. O rigor, a meu ver, é a coerência conceitual e a lealdade ao método.

Tentar submeter a psicanálise a modelos científicos normativos tenderá a resultar em reducionismos na ordem da essência, que acabam por despojar a psicanálise de sua potência crítica. Ao buscar adaptar-se a critérios externos de saber, corre-se o risco de esvaziar a singularidade do sujeito em nome do universalismo, da cientificidade hipotética. Miller já lembrou que “A ciência se sente tentada a eliminar o sujeito, a psicanálise, comissão, baseia-se em sua irreducibilidade” (2016, p. 73). Reconhecer essa aporia é condição para sustentar a ética específica da pesquisa psicanalítica.

A singularidade do sujeito expressa-se também em uma concepção própria de verdade, que não se apresenta como algo plenamente dado ou verificável de modo objetivo. Na psicanálise, a verdade não corresponde à adequação entre enunciado e fato concreto, nem a um resultado definitivo, mas se constrói no campo da fala e da interpretação. Nessa perspectiva, Figueiredo afirma que “a verdade em psicanálise é sempre situada, marcada pela experiência e pelo tempo do sujeito” (2015, p. 84). Tal compreensão tensiona os ideais de certeza e completude do projeto científico clássico e recoloca, de modo decisivo, os limites estruturais entre o ser e o saber.

No campo acadêmico, a defesa destes limites exige uma posição ética decidida relativamente às imposições institucionais. A pesquisa da psicanálise deve justificar seu método sem renunciar à originalidade que a caracteriza. Para Soler, “defender o caso singular é também defender a ética da psicanálise no espaço universitário” (2018, p. 112). Tal defesa não significa recusar o diálogo com a ciência, mas reiterar uma epistemologia própria, instalada no sujeito do inconsciente.

Os limites do método científico e a singularidade do sujeito para a psicanálise não devem ser pensados como entraves, mas como as condições de possibilidade da pesquisa. É por reconhecer-se no que escapa à universalização que a psicanálise produz um saber crítico do humano. Como sintetiza Figueiredo, “o limite do método é um lugar onde a ética se faz”





(2016, p. 97). Desta forma, a pesquisa da psicanálise preserva seu compromisso clínico e científico quando mantém a singularidade como centros da sua atividade.

2.3. ARTICULAÇÃO ENTRE ÉTICA PESQUISA E CLÍNICA NA PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO PSICANALÍTICO

A produção do conhecimento psicanalítico está situada como sendo o resultado de uma articulação estrutural entre ética da pesquisa e ética da clínica, ao passo que ambas estão orientadas pela preservação da singularidade do sujeito. Ao contrário dos modelos científicos tidos por neutros em relação ao observador, a psicanálise concebe que o saber provém da experiência clínica e da implicação do pesquisador nesta última. Nesse sentido, a ética não é um elemento exterior à pesquisa, mas um princípio que está organizado em sua própria possibilidade.

A clínica psicanalítica é considerada um espaço privilegiado de produção de conhecimento, desde que o material clínico, para esta pesquisa, seja tratado com a ética e a teorização devidas. O uso deste material para a pesquisa toca especiais cuidados, dada a dimensão ligada a experiências subjetivas que não podem ser descaradamente expostas ou generalizadas. Como afirmam Dallazen et al., “a pesquisa em psicanálise deve conservar o estatuto do sujeito e não transformar a clínica em um campo de extração de dados” (Dallazen Et Al., 2025, p. 3).

Esta articulação implica reconhecer que a escuta clínica não é um procedimento técnico, mas uma posição ética face ao inconsciente. A clínica, ao lidar com a transferência, impõe limites à formalização metodológica, exigindo que o pesquisador mantenham a complexidade do caso ao invés de submetê-lo a categorias normativas. Em outras palavras, a produção do conhecimento psicanalítico é regida por uma ética que resguarde o tempo do sujeito e a opacidade própria da experiência clínica.

O papel do pesquisador em psicanálise também se distingue dos outros campos científicos, pois a sua efetiva implicação subjetiva é constitutiva do processo investigativo. A





pesquisa realiza-se a partir de uma posição, não de um exterior, mas de uma posição atravessada pela linguagem e pela história. Como apontam Dal Forno e Macedo, “o pesquisador, em psicanálise, participa do campo a que investiga, o que pressupõe uma ética da responsabilidade interpretativa” (Dal Forno; Macedo, 2021, p. 4).

A escrita científica em psicanálise, por sua vez, caracteriza-se como um ato ético, pois é capaz de traduzir a experiência clínica sem esvaziá-la em sua singularidade. O modo de contar as descobertas posicionadas na pesquisa deve ser aquela que evite tanto à exposição excessiva quanto à abstração que destrói o sujeito. Essa dimensão ética da escrita assegura que o conhecimento produzido não deseje ser instrumento de normalização ou de adaptação do sofrimento psíquico.

Outrossim, a relação entre clínica e pesquisa reforça a necessidade de melhorar métodos com a lógica psicanalítica. A pesquisa psicanalítica não se aborrece por repetição estatística, mas pela construção teórica a partir do singular. Como enfatizam Prates Pinto e da Rosa Silva, “a ética da pesquisa psicanalítica se funda numa ética do cuidado, sustentada pela escuta, e pela hospitalidade ao sujeito” (Prates Pinto; Da Rosa Silva, 2025, p. 5). Em suma, aparece a ética como eixo estruturante de produção do conhecimento psicanalítico, sustentando sua coerência teórica e responsabilidade social. Ao convocar a articulação entre clínica e pesquisa, a psicanálise assume, desta maneira, sua vocação crítica e seu compromisso com a singularidade do sujeito, produzindo saber que resiste a ser objetivado e padronizado da experiência humana.

2.4. ARTICULAÇÃO ENTRE ÉTICA PESQUISA E CLÍNICA NA PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO PSICANALÍTICO

A produção de conhecimento psicanalítico se dá pela articulação entre ética da pesquisa e ética da clínica, tendo-se em vista que ética da pesquisa e ética da clínica são





dimensões inseparáveis do mesmo campo epistemológico. Na psicanálise, o saber não se articula segundo a neutralidade do pesquisador, mas a partir da implicação subjetiva do que pesquisa, exigindo uma postura ética constante em relação ao material clínico. É esta articulação que garante que o conhecimento produzido não se dissocie da experiência singular do sujeito, nem se transforme em instrumento de objetificação.

A clínica psicanalítica é reconhecida como espaço legítimo de produção de conhecimento, desde que respeitados os limites éticos em que se sustentam. O material clínico não pode ser tratado como dado bruto, pois ele está atravessado pela transferência e pela historicidade do sujeito. Roussillon afirma que "a clínica não fornece fatos observáveis isolados, mas experiências que não podem ser tratadas senão depois de uma elaboração simbólica" (2017, p.39), o que reforça a necessidade de uma ética que aponte, até o término do processo investigativo, o requerimento de uma ética que aponte para a psicanálise.

A ética da pesquisa em psicanálise implica reconhecer que o pesquisador se encontra no campo em que realiza sua investigação. Não existe exterioridade absoluta entre sujeito investigador e objeto da pesquisa, pois ambos fazem parte da linguagem, do laço social. Kaës diz que "toda pesquisa psicanalítica tem como objeto um campo intersubjetivo compartilhado" (2016, p. 64), assinalando que o saber envolve a constante reflexão sobre os efeitos da interpretação.

Essa implicação subjetiva marca limites para a generalização dos resultados e a recepção acrítica de modelos metodológicos de outros campos. A pesquisa psicanalítica é organizada pelo singular e pelo caso como operadores teóricos, recusando os procedimentos em busca da uniformização do sofrimento. Neste ponto, a ética não é um obstáculo à cientificidade, mas a condição que mantém o saber produzido fiel aos fundamentos da psicanálise.

A escritura científica desempenha funções primordiais nessa mediação entre clínica e pesquisa, posto que é a via pela qual tal experiência clínica é comunicada. A escritura não é livre e neutra, implicando em escolhas éticas que garantem o anonimato e a singularidade do sujeito. Segundo Laplanche, "transmitir a psicanálise implica respeitar a opacidade do





inconsciente" (2016, p.121), note-se que a forma do relato é incapaz de dissociar-se da ética do pesquisador.

A mediação entre ética clínica e pesquisa não se limita a evitar leituras normativas ou adaptativas do sofrimento psíquico, a produção do conhecimento psicanalítico não tem por meta a adequação do sujeito aos ideais sociais, mas a sustentação do conflito que o constitui. Como nodaliza Birman, "a ética da psicanálise se funda na recusa da normalização do sofrimento" (2016, p. 104).102), reafirmando assim o caráter crítico do saber psicanalítico.

Agora, segundo a autora, a utilização desse material clínico como base para a pesquisa implica o reconhecimento claro do papel de cada um dos protagonistas, isto é, por um lado o investigador e, por outro, o analista, pois a confusão entre ambos poderia pôr em risco o enquadre clínico, bem como os direitos do sujeito. Nesse sentido, Figueiredo afirma que "a pesquisa não deve dirigir o tratamento" (2017, p. 58), o que confirma a necessidade de ter atenção em relação ao consentimento, ao sigilo e à responsabilidade ética em termos de produção científica.

Acrescenta que a ética de pesquisa não deve ser reduzida ao cumprimento de normas definidas pelas instituições, mas deriva dos fundamentos próprios da clínica: a responsabilidade dos pesquisadores deveria também se referir à maneira como o conhecimento é socialmente produzido, evitando mesmo na pesquisa o uso instrumental ou reducionista da teoria. Essa concepção do saber psicanalítico, ao permitir que a própria psicanálise mantenha os seus princípios de unidade interna e a sua função crítica do saber no campo científico.

A articulação entre ética da pesquisa e ética da clínica é o que aconselha a legitimidade do saber psicanalítico. Ao preservar o caráter singular do sujeito, ao atestar a implicação do pesquisador e ao reconhecer os limites da clínica, a psicanálise produz um saber que se compromete com a complexidade do humano. A ética não aparece assim como elemento acessório, mas sim como fundamento da produção e da transmissão do saber psicanalítico.





CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho se dedicou à discussão sobre a responsabilidade ética na leitura dos dados, em pesquisas psicanalíticas, a partir da relação entre ética, clínica e método. A pergunta à qual tentamos responder foi a seguinte: de que modo a responsabilidade ética orienta a leitura dos dados, no que diz respeito à singularidade do sujeito e à implicação subjetiva do pesquisador? O foco principal foi investigar como a ética fundamenta o ato interpretativo no processo de pesquisa em psicanálise. Neste percurso, procuramos problematizar essa questão em função do contexto universitário da pesquisa, permeado por exigências de validação científica. Retomar o percorrido é importante para situar o leitor quanto à coerência do caminho que tomamos. A pesquisa foi construída a partir da constatação de que o método psicanalítico tem suas próprias especificidades. Essas especificidades exigem requerem uma postura ética constante face ao saber produzido.

Os resultados da revisão bibliográfica indicam que a responsabilidade ética ocupa uma posição central no trabalho de leitura dos dados em psicanálise. A leitura do material não se resume a uma operação técnica, mas constitui uma posição frente ao sujeito e ao seu sofrimento. Observou-se que a implicação subjetiva do pesquisador não é um obstáculo metodológico, mas uma condição do próprio método. A hipótese inicial de que ética e interpretação são indissociáveis na pesquisa psicanalítica foi corroborada. Os autores analisados convergem ao afirmar que interpretar, é sempre um ato situado. Este ato requer rigor conceitual e reconhecimento dos limites do saber. A ética não se apresenta então como um complemento. Mas, ela que é o fundamento mesmo da prática investigativa. A interpretação ética preserva a singularidade do sujeito e mantém a coerência do método.

Ao responder a pergunta de pesquisa foi possível afirmar que a responsabilidade ética que recai sobre a leitura dos dados exigiu um trabalho reflexivo permanente do pesquisador. Este trabalho pressupõe interrogar os pressupostos teóricos em que se move e qual a posição ocupada no campo da pesquisa lá onde ela acontece. A ética atua como limite e como condição de possibilidade do conhecimento. Reconhecer que o saber produzido gera efeitos





para além do texto acadêmico é parte do compromisso aqui. A pesquisa em psicanálise não se dissocia, de forma alguma, da clínica, mesmo que a leve para o espaço da universidade. A interpretação responsável evita a generalização e respeita a singularidade dos casos. Desta forma, ética, método e interpretação se mantêm articulados. Esta articulação sustenta a legitimidade do saber produzido.

As contribuições deste trabalho se situam tanto no plano acadêmico quanto no plano da prática em pesquisa. No campo teórico, o estudo reforça a importância de pensar a ética como eixo estruturante da metodologia psicanalítica. Ao reunir diferentes autores, foi possível mapear debates que percorrem a leitura dos dados e a posição do pesquisador. No campo acadêmico, a pesquisa fornece evidência para questionar modelos de cientificidade que não consideram a implicação subjetiva. No campo prático, o estudo reitera subsídios para investigadores que se deparam com impasses éticos na interpretação do material clínico. A reflexão apresentada pode guiar escolhas metodológicas mais coerentes com a psicanálise. Desta forma, o trabalho fortalece uma prática investigativa eticamente e conceitualmente rigorosa.

REFERÊNCIAS

BIRMAN, Joel. **O sujeito na contemporaneidade: espaço, dor e desalento**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

DAL FORNO, Luís Henrique; MACEDO, Mônica Medeiros Kother. **Pesquisa psicanalítica: aproximações entre clínica e método**. *SIG – Revista de Psicanálise*, Porto Alegre, v. 10, n. 1, p. 1–10, 2021.

DALLAZEN, Lizana et al. **Sobre a ética em pesquisa na psicanálise**. *Psico*, Porto Alegre, v. 56, n. 1, p. 1–8, 2025.

DUNKER, Christian Ingo Lenz. **Mal-estar, sofrimento e sintoma: uma psicopatologia do Brasil entre muros**. São Paulo: Bomtempo, 2015.





FIGUEIREDO, Luís Claudio Mendonça. **A invenção do psicológico: quatro séculos de subjetivação**. São Paulo: Escuta, 2017.

FIGUEIREDO, Luís Cláudio Mendonça. **A psicanálise e a pesquisa universitária**. São Paulo: Escuta, 2016.

KAËS, René. **As alianças inconscientes**. São Paulo: Ideias & Letras, 2016.

LAPLANCHE, Jean. **Novos fundamentos para a psicanálise**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2016.

MILLER, Jacques-Alain. **Sutilezas analíticas**. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

PRATES PINTO, Sharlize; DA ROSA SILVA, Milena. **Contribuições ferenczianas para uma ética do cuidado na pesquisa psicanalítica**. *Affectio Societatis*, Medellín, v. 22, n. 43, p. 1–12, 2025.

QUINET, Antonio. **Psicanálise e ciência: impasses contemporâneos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

ROSA, Miriam Debieux. **Psicanálise, política e cultura: a clínica em tempos de mal-estar**. São Paulo: Escuta, 2018.

ROUSSILLON, René. **O prazer e a repetição: teoria do processo psicanalítico**. São Paulo: Blucher, 2017.

SAFATLE, Vladimir. **O circuito dos afetos: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo**. São Paulo: Autêntica, 2018.



REVISTA OWL (*OWL Journal*)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634



SOLER, Colette. **O inconsciente a céu aberto da psicose**. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

TEIXEIRA, Antônio Márcio Ribeiro. **Clínica, método e pesquisa em psicanálise**. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

Recebido em: 21/11/2025

Aprovado em: 15/12/2025

Publicado em: 09/01/2025

Revista *OWL Journal*, Campina Grande - PB, v.4.n.1. jan/fev/mar. 2026 - ISSN 2965-2634

A Revista *OWL Journal* está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição (CC BY)

